

## PROVA DE INGRESSO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

1. Qual o significado do cancionero escarninho na cultura portuguesa posterior e, particularmente, na moderna e pós-moderna?

2. Considere o seguinte soneto satírico, de Bocage:

Amar dentro do peito uma donzela;  
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;  
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,  
Depois da meia-noite na janela;

Fazê-la vir abaixo, e com cautela  
Sentir abrir a porta, que murmura;  
Entrar pé ante pé, e com ternura  
Apertá-la nos braços casta e bela;

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,  
E a boca, com prazer o mais jucundo,  
Apalpar-lhe de neve os dois pimpolhos;

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo,  
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos,  
É este o maior gosto que há no mundo.

**QUESTÃO:** O texto utiliza o retrato clássico da figura feminina, tal como era concebido desde Petrarca e enfatizado no Renascimento quinhentista – por exemplo, em Camões. De que recursos linguísticos e literários se serve Bocage para *interpretar tal modelo*?

3. Acerca da obra de Cesário Verde, A. Rita afirma:

“O sujeito poético d’“O Sentimento dum Ocidental” caracteriza-se, especialmente, por uma faculdade: a *visão criativa*. A sua ‘luneta de uma lente só’ (II, 21-1) fá-lo sobrepor à imagem observada outras imagens, opera nele essa transição de umas às outras, denunciando-o como lugar de transformação de um real comum na realidade eminentemente singular do texto. Um olhar transfigurador conformando o processo cognoscente que exerce sobre si, a comunidade e a literatura.”

Annabela RITA, *No fundo dos Espelhos: incursões na cena literária*. Porto: Caixotim, 2003, p. 89.

**QUESTÃO:** Pela análise do texto, discuta como essa *visão criativa* caracteriza o sujeito poético e opera transformações nas paisagens que ele percorre.

4. Considere os seguintes textos:

## A) Arte Poética I (fragmento)

Entro na loja de barros. A mulher que os vende é pequena e velha, vestida de preto. Está em frente de mim rodeada de ânforas. À direita e à esquerda o chão e as prateleiras estão cobertos de louças alinhadas, empilhadas e amontoadas: pratos, bilhas, tigelas, ânforas. Há duas espécies de barro: barro cor-de-rosa pálido e barro vermelho-escuro. Barro que desde tempos imemoriais os homens aprenderam a modelar numa medida humana. Formas que através dos séculos vêm de mão em mão. A loja onde estou é como uma loja de Creta. Olho as ânforas poisadas em minha frente no chão. Talvez a arte deste tempo em que vivo me tenha ensinado a olhá-las melhor. Talvez a arte deste tempo tenha sido uma arte de ascese que serviu para limpar o olhar.

A beleza da ânfora de barro pálido é tão evidente, tão certa que não pode ser descrita. Mas eu sei que a palavra beleza não é nada, sei que a beleza não existe em si, mas é apenas o rosto, a forma, o sinal de uma verdade da qual ela não pode ser separada. Não falo de uma beleza estética, mas sim de uma beleza poética.

Olho para a ânfora: quando a encher de água ela me dará de beber. Mas já agora ela me dá de beber. Paz e alegria, deslumbramento de estar no mundo, religação.

Olho para a ânfora na pequena loja de barros. Aqui paira uma doce penumbra. Lá fora está o sol. A ânfora estabelece uma aliança entre mim e o sol.

Olho para a ânfora igual a todas as outras ânforas, a ânfora inumeravelmente repetida, mas que nenhuma repetição pode aviltar porque nela existe um princípio incorruptível.

Porém, lá fora na rua, sob o peso do mesmo sol, outras coisas me são oferecidas. Coisas diferentes. Não têm nada de comum nem comigo nem com o sol. Vêm de um mundo onde a aliança foi quebrada. Mundo que não está religado nem ao sol nem à lua, nem a Ísis, nem a Deméter, nem aos astros, nem ao eterno. Mundo que pode ser um habitat, mas que não é um reino.

Sophia ANDRESEN, *Geografia*. 4 ed. Lisboa: Caminho, 2004, pp. 93-4. [1 ed. 1967]

## B) O Rei de Ítaca

A civilização em que estamos é tão errada que  
nela o pensamento se desligou da mão

Ulisses rei de Ítaca carpinteirou seu barco  
E gabava-se também de saber conduzir  
Num campo a direito o sulco do arado.

Sophia ANDRESEN, *O Nome das Coisas*. 4 ed. revista. Lisboa: Caminho, 2006, p.42. [1 ed. 1977]

C) “O que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura [...]. A técnica substitui a existência da obra por uma existência serial.”

Walter BENJAMIN, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, in: *Obras escolhidas*, São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1.

**QUESTÃO:** Proponha uma análise da poética de Sophia Andresen a partir da oposição entre “habitat” e “reino” realizada em “Arte Poética I”. Em sua reflexão, você pode se ater aos textos da coletânea ou se valer também de outros textos da autora.